

"OS HOMENS ATUAM E AS MULHERES APARECEM"

MARCOS PORNÔGRAFICOS E PORNÔGRAFIA

MAINSTREAM

Carolina Ribeiro Pátaro¹

RESUMO: Este artigo analisa a pornografia *mainstream* a partir de três marcos históricos: o filme Garganta Profunda, a premiação AVN Awards e a revista Playboy. Buscando elucidar a episteme das conceituções, relacionando genealogicamente com a ideia de como os discursos são construídos, pautados com aparência de fixidez na sociedade. Estudar pornografia é parte de um importante processo de falar mais abertamente sobre sexualidade, mirando em quebrar preconceitos e desfazer pré-noções muito arraigadas.

PALAVRAS-CHAVE: Pornografia *Mainstream*. Mídias. Genealogia dos Discursos.

ABSTRACT: This article analysis the mainstream pornography from three historical marks: the movie Deep Throat, AVN Awards and Playboy magazine. Trying to elucidate the episteme of conceituations, genealogically relating to the idea of how the discourses are built, driven with an apparent fixity in society. To study pornography is part of an important process of talking more openly about sexuality, looking to break prejudices and undo very rooted prenotions.

KEYWORDS: Mainstream Pornography. Medias. Discourses Genealogy.

INTRODUÇÃO

A partir da pesquisa feita no mestrado em Sociologia, este artigo visa traçar um panorama geral da pornografia, retomando alguns importantes marcos históricos, busco compreender quais os debates e expressões da pautam a categoria *mainstream* de pornografia altamente comercializada. Estudar pornografia é parte de um importante processo de falar mais abertamente sobre sexualidade, mirando em quebrar preconceitos e desfazer pré-noções muito arraigadas. Com um mercado bilionário, falar sobre as mídias pornográficas é uma questão importante para a Sociologia e para a compreensão de fenômenos sociais tão impactantes e com tamanha adesão das pessoas, como o pornô.

¹ Atualmente doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, onde pesquisa pornoterrorismo. Mestra em Sociologia pela mesma universidade, pesquisou pornografia feminista. Mestra, UFPR. E-mail: carola.ribp@gmail.com

Para atingir esses objetivos, farei uma revisão sobre a pornografia *mainstream*, começando por compreender o próprio termo “pornografia”, ressaltando momentos marcantes, como o *AVN Awards*, o filme *Garganta Profunda* e a *Playboy*, analisando e problematizando o cenário de produção de um pornô voltado para o olhar masculino. O que essas produções nos mostram e o que elas marcam? São rupturas? Continuidades? Ou um pouco dos dois?

Neste artigo buscarei, portanto, compreender como se formaram os discursos, elucidando a episteme das conceituações, e relacionando genealogicamente como esses discursos são construídos e fixados na sociedade.

Enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade (FOUCAULT, 2008, p. 172).

1 PORNOGRAFIA

Conceituar pornografia é um desafio por si só. Não há um consenso entre pesquisadores sobre uma definição que seja a definitiva, não há um conceito que comprehenda todos os tipos de estudos sobre pornografia, pois esse é um campo muito amplo, com uma infinidade de possíveis abordagens. Por isso, fez-se necessário pesquisar a terminologia pornografia, fazendo algo similar a uma arqueologia do saber, cavando significados, buscando fontes, comprehendendo como outros estudiosos trabalharam tal conceito, para então sintetizar qual definição perpassa este texto.

A palavra pornografia vem da grafia grega *pornographos*, que significa "escritos sobre prostitutas". De acordo com Leite Jr. "a pornografia visando excitação sexual de seu público como única motivação e um fim em si mesma é um conceito recente, datando apenas do final do século XIX." (LEITE JR, 2006, p. 45). Antes disso, a pornografia era ligada à vida boêmia e à política, sendo usada para retratar a vida na noite e lutar contra os poderes instituídos:

Na França do século XVIII, textos hoje considerados distintos em áreas como política, filosofia e pornografia eram genericamente chamados de "livros filosóficos". Em comum, tinham potencial de subversão da ordem estabelecida e a proibição de sua reprodução e venda – o que tornava estes itens mais atraentes, difíceis de encontrar e, principalmente, caros. (LEITE JR, 2006, p. 48).

Assim, todo o caráter mutável visto dentro da história da pornografia faz com que seja um desafio ainda maior conceitua-la. Hoje a ideia de uma pornografia ligada à prostituição e a um mundo libertino está cada vez mais sendo desvinculada, buscando atrair públicos mais diversos. Então, embora o significado seja muito importante para pautar do que falamos e de onde falamos quando dizemos a palavra pornografia, ela pouco é útil para uma definição conceitual sociológica dentro dessa pesquisa.

Procurando o termo pornografia nos dicionários encontramos:

s.f. Tudo o que se relaciona à devassidão sexual; obscenidade, licenciosidade; indecência. / Caráter imoral de publicações, gravuras, pinturas, cenas, gestos, linguagem. (Dicionário On Line de Português).

1 estudo da prostituição; 2 coleção de pinturas ou gravuras obscenas; 3 característica do que fere o pudor (numa publicação, num filme etc.); obscenidade, indecência, licenciosidade; 4 qualquer coisa feita com o intuito de ser pornográfico, de explorar o sexo tratado de maneira chula, como atrativo (p.ex., revistas, fotografias, filmes etc.); 5 violação ao pudor, ao recato, à reserva, socialmente exigidos em matéria sexual; indecência, libertinagem, imoralidade (Houaiss, 2013).

O conceito de pornografia veiculado nos dois maiores dicionários brasileiros associa a pornografia diretamente à devassidão, à imoralidade, à indecência, há um pânico moral que envolve a pornografia, colaborando somente para compreensão de que as definições da língua para a pornografia ainda veiculam um forte sentido moral no significado das palavras, demonstrando assim o quanto o discurso político-social sobre pornografia é moral e não é possível usarmos nenhuma dessas definições dentro das pesquisas. Vale ressaltar ainda que Houaiss sugere como sinônimo de pornografia a palavra indecência. Desse modo, aponta Foucault: “não são elementos perturbadores que, superpondo-se à sua forma pura, neutra, intemporal e silenciosa, a reprimiriam e fariam falar em seu lugar um discurso mascarado, mas sim elementos formadores”. (FOUCAULT, 2008, p. 75)

Buscando então definições menos morais e menos condenatórias, seguimos para o meio acadêmico, buscando em três pesquisadores importantes, os termos que eles utilizaram para definir pornografia: Maria Filomena Gregori, Jorge Leite Junior e Beatriz Preciado.

Em outros trabalhos usei a definição de Gregori que, como a autora aponta, é uma das definições mais difundidas entre os estudiosos que trabalham com pornografia: "expressões escritas ou visões que apresentam, sob a forma realista, o

comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais" (GREGORI, 2003, p. 94). Contudo, tal definição passou a me incomodar, pois não acredito que hoje haja realmente a intenção deliberada de violar tabus sociais em todas as pornografia. Embora a pornografia nasça com essa ideia clara, atualmente é feita mais visando o lucro, podendo causar violações da ordem moral, mas não vejo que seja algo feito com esse objetivo. Além disso, não quero associar a simples retratação sexual como algo que viola tabus, pois a pornografia é algo prescritivo.

Buscando no livro de Jorge Leite Junior, encontrei diversas partes de uma possível definição de pornografia espalhadas pelos capítulos. O autor vai trazendo o conceito conforme o texto demanda, por isso selecionei alguns trechos que pareceram mais determinantes para uma definição. Para o autor, a pornografia retrata a sexualidade visando à excitação erótica, totalmente ligada ao que é considerado obsceno, e constrói uma produção padronizada para cada tipo de público. Além disso, considera que "a pornografia é comumente considerada como aquilo que transforma o sexo em produto de consumo, está ligada ao mundo da prostituição e visa à excitação dos apetites mais 'desregrados' e 'imorais'." (LEITE JR., 2006, p.32). Elucidando nessa definição que o fato da pornografia violar tabus é algo muito ligado à nossa cultura de separar apetites saudáveis, bons, dos anormais, impuros e depravados.

Por fim, Beatriz Preciado deteve-se durante alguns parágrafos definindo pornografia, em seu livro *Testo Younqui*:

1 A pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual, cibernetico) masturbatório. A pornografia como indústria cinematográfica tem como objetivo a masturbação planetária multimídia. O que caracteriza a imagem pornográfica é sua capacidade de estimular, independente da vontade do espectador, os mecanismos bioquímicos e musculares que regem a produção do prazer. (...). 2 A pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo, em virtualidade, em informação digital, ou, dito de outro modo, em representação pública, onde "pública" implica direta ou indiretamente comercializável. Uma representação adquire o status de pornografia quando põe em voga o "tornar-se público" daquilo que se supõe como privado. Há aqui outra definição possível de pornografia: dispositivo de publicação do privado. (...) 3 A pornografia é teletecnomasturbação. (...) 4 A pornografia reúne as mesmas características de qualquer outro espetáculo da indústria cultural: virtuosidade, possibilidade de reprodução técnica (...). A única diferença, nesse momento, é seu status *underground*. (PRECIADO, 2008, p. 170-171, tradução nossa).

A definição de Preciado é a que mais se aproxima do que esta pesquisa retrata, contudo, ainda não a comprehende plenamente. Por isso, como definição final

optamos por uma mescla das ideias dos autores aqui retratados, pautando a seguinte definição:

A pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual, cibernético) masturbatório, é a sexualidade transformada em espetáculo, em representação pública, onde "pública" implica direta ou indiretamente comercializável, ou seja, um dispositivo de publicização do privado, apresentando comportamento genital e sexual explícito. (PRECIADO, 2008; LEITE JR, 2006; GREGORI, 2003).

2 A PROFUNDIDADE DOS PROBLEMAS E A PORNOGRAFIA CULT

Não há uma data definida para o início da pornografia, sequer podemos encontrar uma definição rica e profunda que sirva para qualquer trabalho ou contexto do que exatamente seja a pornografia, como foi explicitado no tópico anterior. Contudo, podemos trazer à tona alguns fatos que se relacionam com o objeto desta pesquisa, preocupando-nos com a relevância de cada um deles e buscando contextualizá-los no lugar e no tempo.

Surgindo em um contexto político diferente do qual os filmes pornôs se desenvolveram, a pornografia surge nas cortes e nos diferentes meios intelectuais e retratava a vida boemia e na noite através das palavras de homens que viviam da escrita, da poesia, das ideias, considerados à margem da sociedade, junto às prostitutas. Era essa vida, diferente da vida nobre e da alta classe, que a pornografia e seus escritores retratavam.

Diferente desse momento inicial da pornografia, e também afastado de seu caráter de "escritos sobre prostitutas", embora ainda ligada aos homens como definidores das palavras e, neste momento, das imagens, foi lançado o filme *Garganta Profunda* em 1972, dirigido por Gerard Damiano. O filme, por diversas razões que apontaremos a seguir, mudou o cenário da pornografia até então conhecida e colocou novas formas de se filmar o sexo e também um novo estilo de se fazer sexo: o tipo garganta profunda. Hoje, pelos diversos sites de compartilhamentos de filmes pornográficos pela internet, como *Red Tube* ou *X Videos*, dentre outros, há uma sessão de vídeos dedicados ao estilo garganta profunda e, também, ao estilo lançado no filme *Garganta Profunda*: o *cumshot* ou *moneyshot*, onde o homem ejacula diretamente para a câmera.

Contudo, não são só esses primeiros apontamentos que foram inovações lançadas pelo diretor Gerard Damiano a nível internacional. Encontramos, também, uma nova forma de retratar o sexo e uma nova era de atrizes e atores pornôs, os atualmente conhecidos como *pornstars* ou estrelas do pornô. *Garganta Profunda* é o primeiro filme que traz a ideia de que é preciso contar histórias para se ter bons filmes, não necessariamente ter um enredo, mas é preciso que se siga uma sequência lógica, o que raramente acontecia em filmes pornôs anteriores. *Garganta Profunda* aponta também que é preciso ter belos atores e atrizes, e é preciso saber filmar, não necessariamente saber as técnicas, mas Damiano preocupa-se com o que vai comunicar ao seu público.

A história contada em *Garganta Profunda* é de uma mulher chamada Linda, interpretada pela atriz Linda Lovelace, que não sentia prazer em suas relações sexuais e descobre, através do sexo oral, que possui o clitóris, retratado como o centro do prazer das mulheres, em sua garganta. O slogan em uma das capas do filme diz: "How far does a girl have to go to untangle her tingle?", uma tradução possível seria: Até onde uma garota tem que ir para libertar seu ardor (no sentido de excitação e tesão). Assim, para a personagem Linda, quanto mais profunda fosse a penetração do pênis durante o sexo oral mais ela sentia prazer. Essa não foi só a marca do filme, mas é também uma marca de um modo de fazer sexo, que não é só um sexo oral, mas um sexo oral extremamente profundo.

O filme tem trilha sonora e uma história estruturada e consistente, características inexistentes nos filmes pornôs do mesmo período. Foi filmado em 6 dias, com gastos próximos de 25 mil dólares e cerca de 60 minutos de duração. *Garganta Profunda* é um dos filmes mais conhecidos dentro do cinema pornô e estima-se que faturou mais de 600 milhões de dólares até hoje.

Garganta Profunda gerou um abalo social para o período, os Estados Unidos acabavam de sair da Guerra do Vietnã, havia uma crise grave do petróleo abalando a economia mundial, a revolução sexual acontecia no mundo todo e desdobrava-se em novidades para os corpos e as performances, especialmente para mulheres, os movimentos sociais mantinham suas vozes firmes e diversas conquistas já estavam sendo sentidas, como, por exemplo, o aborto que havia sido legalizado até o sexto mês de gravidez em 1973. Nesse período, a Guerra Fria também mantinha acordos políticos tênues e a sensação de medo constante, além da influência do consumismo nos países capitalistas em contraposição e oposição aos países comunistas. Nixon

renuncia ao cargo em 1974 e em 1976 lança-se um novo paradigma dos filmes pornôs apoiado nas novas tecnologias.

Além disso, "o filme marca o primeiro encontro do público com o *hard core* "fálico", uma conjugação sem precedentes de estrutura narrativa de longa-metragem, sexo explícito" (ABREU, 1996). Garganta Profunda é o primeiro, não só a trazer o elemento do falo como central para a pornografia, mas a inserir a ejaculação direta para a câmera (*cumshot*), colocando o prazer do homem como o ápice do prazer e a verdadeira imagem da potência.

Os críticos agraciaram as novidades do Garganta Profunda, revelando também as habilidades de Linda Lovelace que, antes trabalhou como engolidora de espadas, e trouxe realismo para as cenas de alta dificuldade ao fazer a penetração oral profunda, como ressalta Gerard Damiano:

Eu escrevi o filme para a Linda. Se não fosse ela, uh, e a habilidade particular que ela desenvolveu, não haveria nenhum 'Garganta Profunda'. Naquela época, meus parceiros disseram que o título não era muito bom, mas eu estava irredutível: eu disse que ia se tornar uma palavra comum. E tornou-se. (DAMIANO in EBERT, 1974, s. p., tradução livre).

Linda foi mais um dos marcos dentro do mundo pornô, ela é considerada a primeira *pornstar*, uma das mulheres mais lindas e com técnicas sexuais inovadoras, como podemos ver na fala acima de Damiano.

Para além dos elogios tecidos a Lovelace, a relação da atriz com os diretores não é das melhores até hoje. A vida e carreira de Linda Lovelace é uma polêmica. Anos depois de fazer diversos filmes pornôs, a atriz escreveu um livro no qual declarava os abusos sofridos pelo marido e que havia sido obrigada a estrelar Garganta Profunda. Com essas declarações, Lovelace começou uma guerra contra a indústria pornô e participou de diversos levantes políticos nos Estados Unidos. Abraçada pelas militantes antipornografia, Lovelace se tornou a cara do movimento das feministas antipornô, além de ser uma das porta-vozes do que elas acreditavam ser a realidade desse mundo da pornografia.

Como feminista e trabalhando com temática de gênero e sexualidade, não posso ignorar, como outros autores o fizeram, a história polêmica por trás de Lovelace e de seu trabalho nos filmes pornôs. Gloria Steinem, em seu livro Memórias da Transgressão (1997), relata a história de Lovelace. Steinem diz que Linda foi obrigada a participar dos filmes e que tentou fugir de casa por três vezes, mas o marido sempre a encontrava. Hoje temos o filme Lovelace, que embora não foi sucesso de bilheteria,

teve participação direta da ex- atriz que ajudou a produzir o roteiro que conta parte de sua história.

No livro, Steinem conta, a partir do conhecimento que tem sobre a história de Lovelace, que a atriz foi estuprada por diversas vezes, inclusive um estupro coletivo, quando chorou e apanhou severamente do marido, pois ele não recebeu o dinheiro do grupo que fez sexo com Lovelace. A atriz foi obrigada a fazer sexo, também, com um cachorro.

A história foi contestada por tabloides, jornalistas, pesquisadores e pela própria produção de Garganta Profunda, pois diziam que ela não deveria ter passado tantos anos em silêncio se realmente tivesse sofrido esses abusos. Todos contestavam dizendo que a atriz teve muitas chances de dizer o que passava, mas optou por se calar por muitos anos e só resolveu falar quando precisava voltar a ter publicidade e dinheiro.

Claramente, Lovelace passou anos e anos no silêncio, contudo, não cabe a mim, muito menos no contexto deste artigo, descartar a história de abuso de outra mulher, além disso, o filme é realmente impressionante e tem cenas chocantes, como relata a história a seguir:

No auge da popularidade de Garganta profunda, por exemplo, Nora Ephron escreveu um artigo sobre ter ido assisti-lo. Ela estava decidida a não reagir como "estas feministas enlouquecidas que saem por aí criando caso, fazendo críticas políticas sobre filmes não políticos". Não obstante, ela ficou apavorada diante da cena em que um consolo oco, de vidro, é inserido na vagina de Linda Lovelace e em seguida enchido com Coca-Cola — bebida através de um canudo cirúrgico. ("Eu não conseguia parar de pensar", ela confessou, "no que aconteceria se o vidro quebrasse.") Sentindo raiva e humilhação, seus amigos homens lhe disseram que ela estava tendo uma reação excessiva e que a cena da Coca Cola era "hilarante". Como redatora, conseguiu uma entrevista telefônica com Linda Lovelace. "Eu não tenho inibição alguma em relação ao sexo. Eu só espero que todo mundo que for ver o filme... perca um pouco de suas inibições." E assim Nora escreveu um artigo que supunha que Linda fosse rainha pornô por vontade própria e que vivesse feliz, ganhando "US\$250 por semana... e participação na bilheteria". Ela descreveu sua reação como sendo de uma "feminista puritana que perdera o senso de humor ao assistir um filminho de sacanagem". O que ela não sabia (e como poderia qualquer entrevistador saber?) era que Linda, mais tarde, incluiria esta resposta na lista das muitas ditadas por Chuck Traynor para ocasiões jornalísticas como aquela. (STEINEM, 1997, p. 312).

Até hoje a polêmica continua, entre dizerem que Linda é uma mentirosa, ou uma verdadeira vítima da violência, Garganta profunda, quase como se separado de todos esses problemas, é classificado como *cult*, junto a diversos outros filmes com roteiros imaginativos e muitas cenas de sexo inovadoras que foram lançados depois

dele. Depois do impacto da estreia, Garganta Profunda foi exibido até mesmo em cinemas hollywoodianos e foi o primeiro filme pornô que obteve um comentário do jornal *New York Times* (SILVA, 2012).

O termo *cult* é associado a todos os impactos sociais que o filme promoveu, mas não as polêmicas que causou. Esse termo *cult* usado para classificar Garganta Profunda e filmes afins em nada se relaciona com o pornô alternativo conhecido hoje. Pornôs *cult* foram grandes sucessos de venda, tornaram-se do conhecimento de todos, foram comentados pelos principais jornais, criaram atrizes *popstars*. Em contraposição, o pornô alternativo que está surgindo segue um movimento contrário, fugindo das grandes mídias, buscando outros espaços para retratar novas formas de prazer, ao mesmo tempo trazendo à tona novas formas de representações. A maior parte da pornografia considerada *cult* foi assim nomeada pela Mídia, já a pornografia alternativa surge como um movimento consciente de novas narrativas. Os filmes *cult* foram feitos sem se propor a quebrar padrões normativos, o que é parte constituinte dos pornôs alternativos, pelo contrário, foram os pornôs *cult* que colocaram os primeiros padrões para o cinema pornográfico *mainstream*. Mais a frente veremos a definição mais utilizada para o pornô alternativo e esse contraponto ficará mais claro.

3 AVN AWARDS E A NORMATIZAÇÃO “GLAMOROSA” DA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA

Hoje a indústria *mainstream* de pornografia possui uma espécie de “Oscar” que leva os atores, atrizes, diretores/as a uma grande noite de gala com premiações na cidade de Las Vegas (EUA) no AVN Awards. A partir da criação dessa premiação há um novo olhar dos meios de comunicação e do público para com a pornografia *mainstream*, pois ela passa a ficar envolta em uma legitimidade e credibilidade graças ao espaço sério e legítimo marcado pelo “Oscar” de produção cinematográfica, uma espécie de autolegitimação desse gênero de filmes. O AVN surgiu em 1984 e buscou em todos esses anos premiar os melhores e maiores nomes da indústria pornô, tornando-se uma referência mundial de qualidade.

Em 2006, a atriz Savanna Samson, consagrada pelo filme "O Novo Diabo na Carne de Miss Jones" (2005), um remake do filme lançado em 1973 "O Diabo Na Carne De Miss Jones" que seguia a mesma linha de Garganta Profunda, hoje considerado um filme *cult*, teve no corpo de Savanna Samson, e através da direção

de Paul Thomas, a sexta sequência altamente premiada pelo *AVN Awards*. Ao ganhar o prêmio de melhor atriz pornô Savanna sobe ao palco e diz: "A maior parte da minha família está bem envergonhada com o que eu faço"², com isso levantou não só as vozes das críticas conservadoras, mas também agradeceu ao apoio do público que lhe dava força para seguir com sua carreira.

Savanna se tornou um marco do *AVN Awards*, demonstrando também em sua fala que ser atriz pornô não é simples e não é fácil, como se dizia. Os conflitos estavam sempre em torno da carreira e as polêmicas eram inúmeras. Contanto tais polêmicas não impediram a atriz que continuou uma carreira bem-sucedida de diversos filmes e outros prêmios dentro do grande "Oscar" da pornografia.

Uma coisa importante a ressaltarmos sobre o *AVN Awards* são as categorias de premiação, pois, embora mudem e se adaptem aos anos, mantém sua forma de divisões muito similar. Um dos mais recentes prêmios inclusos no *AVN Awards* foi o "melhor lançamento em 3D" que gerou um grande assunto na mídia, pois se creditava aos filmes 3D a crise em que as grandes indústrias de pornografia estavam inseridas desde o advento dos sites da Internet. Embora os números do lucro na indústria não sejam muito precisos, houve uma inegável redução nos ganhos e um leve aumento nos custos de produção. A Revista Galileu traz um bom panorama desse momento:

Antes da crise econômica que perdurou até o ano passado, a indústria pornô dos EUA era avaliada em US\$ 6 trilhões. Hoje, a produção de novos títulos caiu pela metade. Algumas companhias menores quebraram, e as grandes encontram dificuldade para continuar. A primeira reação dos magnatas do cinema adulto foi aquela que todo magnata tem quando as coisas não vão bem: bateram na porta do Congresso dos EUA e pediram um socorro de US\$ 5 bilhões. A grana não veio, mas aí os empresários do setor lembraram que movimentam uma indústria sempre à frente das demais na hora de testar novas tecnologias. Foi assim com as fitas VHS, o cd-rom, o DVD e a internet. Os sobreviventes apostam que dá para seguir adiante. E, para isso, vão atrás de novas tecnologias. (COLLETTA, 2013, s. p., grifo nosso).

Dessas novas tecnologias, o uso de 3D ganhou destaque, embora seja um processo caro, dá um bom retorno financeiro às produtoras com a proposta de trazer maior realismo aos filmes.

Além da categoria de premiação aos filmes 3D, atentamos para as diversas categorias que, em 30 de janeiro de 2013, somavam mais de 142 categorias de

2 Disponível em: <<http://www.smh.com.au/news/film/the-oscars-of-porn/2006/01/09/1136655116166.html>>. Acesso em 12 abr. 2013.

premiação³, dentre elas algumas como melhor produto para homens e melhor produto para mulheres. Contudo queremos ressaltar o grandioso número de categorias que premiam corpos ou performances de mulheres.

Das 142 categorias 37 são voltadas a premiação de performance ou corpo feminino, incluindo as categorias que premiam transexuais, pois todas são mulheres-trans. Dentro dessas 37 categorias não incluímos alguns estilos de câmera que normalmente são voltados somente para o corpo da mulher como POV (*Point of View*), categoria na qual o narrador é quem segura a câmera, dando uma experiência ao espectador de ver o sexo em primeira pessoa. Usualmente são os homens narradores que seguram as câmeras, contudo seria necessária uma pesquisa mais aprofundada para caracterizar tal categoria, como este não é o foco deste texto preferimos não incluir tal categoria.

Também é interessante observar que dentre as premiações, diversas são voltadas para premiar o corpo feminino, como melhores seios grandes e melhor bumbum grande, ambas premiadas em duas diferentes categorias: lançamentos e séries. Outra premiação interessante é a "corpo preferido", premiando qual o melhor corpo na pornografia, é usual que se premiem somente corpos femininos. Ressaltamos que não há categorias como "melhor peitoral" ou "melhor pênis", as categorias que premiam os homens são mais relacionadas a suas performances do que a seus corpos.

Além disso, não há uma categoria para premiar o melhor pornô gay, ou sexo entre homens, nem tampouco, uma categoria sobre pornô lésbico, mas sim a categoria *girl-on-girl* (garota-com-garota), que vai dar um significado diferente às cenas, não será um olhar homossexual que deseja, mas sim um olhar heterossexual de fetiche e fantasia.

Um último ponto a se considerar são os prêmios étnicos, nessas categorias são premiadas asiáticas, negras e latinas, tais mulheres tem um prêmio especial, voltado só para seu público, mas não existe uma categoria para mulheres brancas, o que podemos presumir é que na categoria "melhor atriz" está implícita a etnia "branca". Coloca-se, assim, as mulheres brancas como o padrão, a norma e as outras como exóticas, étnicas, diferenciadas. Como aponta Gilroy: "os racismos que codificam a biologia em termos culturais têm sido facilmente introduzidos em novas

3 Lista das categorias em apêndice A

variantes que circunscrevem o corpo numa ordem disciplinar e codificam a particularidade cultural em práticas corporais." (GILROY, 2001, p. 19)

Embora, aparentemente diverso, o mundo da pornografia pressupõe que as pessoas brancas são a norma, e as outras são externos, são fetiches, estão além da chave do normal, reforçando o que o imaginário social tem como regra. A cor era um definidor claro de status social, contudo hoje, através de uma pretensa democracia racial essas fronteiras ficaram mais nubladas, mas continuam a ser reproduzidas, através de simbolismos e preconceitos.

Gilroy ressalta, também, que as diferenças de gênero e raça estão profundamente ligadas, as identidades raciais são assumidas a partir do que entendemos por "identidades de gênero profundamente assumidas, ideias particulares sobre sexualidade e uma convicção tenaz de que experimentar o conflito entre homens e mulheres num tom específico é, em si mesmo, expressivo de diferença racial." (GILROY, 2001).

O AVN Awards é um dos importantes marcos pornográficos, pois é nele que se dá visibilidade aos *pornstars*, que se premia sites e filmes, que se criam normas e se recriam status, pela simples observação das divisões entre os prêmios podemos ver o caráter claro de uma pornografia feita para um olhar masculino, heterossexual, branco e heteronormativo, que só considera "o outro" como algo à parte, além, fora de si mesmo.

4 PLAYBOY E ARQUITETURA DO HOMEM MODERNO

O mundo da pornografia é muito amplo, e não é só o AVN Awards que reitera e normatiza corpos e ideias. Um dos principais veículos de uma sociedade que incita ao sexo, corpo, desejo e uma vontade constante de sentir prazer, é o nascimento da revista Playboy, que também é considerada um grande marco pornográfico.

Se o Garganta Profunda e os outros filmes que se relacionam a esse são a passagem de uma pornografia escondida para uma pornografia *mainstream*, sendo comentada pela mídia e passando nos cinemas dos Estados Unidos, a Playboy e todo seu estilo de vida é a passagem do pornô para seu contato íntimo, direito e, consequentemente, sua inclusão definitiva como parte da cultura de massa. É a Playboy, e a figura de Hugh Hefner, que colocam novas relações entre pornografia,

sexo, gênero e os corpos com os espaços em que esses circulavam (PRECIADO, 2010).

Talvez o que se escondia por trás da ameaça da "arquitetura playboy" era a possibilidade de uma "revolução", já não óptica, mas sim política e sexual, que modificaria não somente formas de ver, mas também modos de segmentar e habitar o espaço, assim como afetos e formas de produção do prazer, pondo em questão tanto a ordem espacial viril e heterossexual dominante durante a guerra fria, assim como a figura masculina heroica do arquiteto moderno. (PRECIADO, 2010, p. 20, tradução nossa).

Embora a primeira revista Playboy tenha surgido anteriormente ao Garganta Profunda, em 1953, os dois movimentos foram similares pornograficamente, levando o que se considerava obscuro, ilegal, estranho e exterior a um público amplo, ao debate popular, trazendo novas formas de se ver e de se fazer o sexo, de se compreender o prazer, nublando os limites entre o privado e o público, pois um sexo privado, passa, a partir da Playboy, a ser vendido em bancas de jornais de acesso massivo, e uma performance sexual antes só vista dentro das quatro paredes passa aos cinemas populares e às graças de críticos da mídia *mainstream*, com o Garganta Profunda.

A revista Playboy, como muito bem aponta Preciado, é feita para um tipo de homem: masculino, urbano, heterossexual, mas que é diferente do homem branco que cuidava da moral e dos bons costumes como o discurso do Estado delimitava. Esse era um novo modelo de homem que sabia desfrutar dos prazeres da vida, contudo, esse homem *playboy* desfruta de seus prazeres dentro de sua casa, é um homem que desfruta de seu espaço privado, é um homem solteiro, urbano e caseiro (PRECIADO, 2010).

O *masculinismo heterosexual do interior* promovido pela *Playboy* ataca as segregações espaciais que regiam a vida social nos Estados Unidos durante a guerra fria. Quando *Playboy* defende a ocupação masculina do espaço doméstico não pretende encaminhar o solteiro a uma reclusão forçada em uma casa suburbana, até esse momento espaço tradicionalmente feminino, mas anuncia a criação de um novo espaço radicalmente oposto do que vivia a família nuclear americana. (PRECIADO, 2010, p.35).

FIGURA 4 - MANSÃO PLAYBOY E O ESTILO URBANO



FONTE: Site The Inquirist (2011).

Nas imagens acima podemos ver partes da mansão *Playboy* e o seu dono, Hugh Hefner, que quase nunca sai da Mansão, somente quando necessário para ir até Hollywood, colocando que os prazeres que o novo homem da *Playboy* aproveita em sua vida são diferentes do homem trabalhador, pai de família, esse é o novo modelo de exercício da masculinidade, Hefner propõe um homem que não está a procura de casamento, mas sim é um construtor de sua própria vida e do seu prazer.

Mas nesses contextos de novas propostas de masculinidade, de um homem urbano e caseiro, onde estavam as mulheres? Quais os lugares que elas habitavam e por onde poderiam circular?

Vale lembrar que parte central do sucesso da *Playboy* são as belas mulheres expostas, normalmente com roupas curtas, cabelos loiros, corpos bronzeados e torneados, chamadas de "coelhinhas da *Playboy*", que são mulheres contratadas para usar as roupas de Coelhinhos, típicas da marca, e são como "adornos" aos eventos promovidos pela *Playboy*, tanto na mansão, quanto no hotel ou boate. Hefner costuma posar em suas fotos junto às suas coelhinhas, sempre no centro, sendo desejado por elas, como vemos na FIGURA 2.

FIGURA 5 - HUGH HEFNER E AS COELHINHAS DA PLAYBOY



FONTE: Blog Simão Pessoa (2011) e Site Nino Carvalho (sem data)

As fotos expressam muito bem o papel das coelhinhas, como parte do cenário de Hugh Hefner e desse novo solteiro urbano, cercado também da beleza das mulheres, mas tirando do espaço doméstico as figuras das mães, avós e esposas. Em 1953 Hefner deixa claro que a *Playboy* não é uma revista para famílias ou para mulheres:

Queremos deixar bem claro, desde o começo, que não somos uma revista para a família. Se você é a irmã de alguém, ou sua esposa, ou sogra, por favor, nos coloque nas mãos do homem da sua vida e volte a leitura de *Ladies Home Companion*⁴. (HEFNER apud PRECIADO, 2010, p. 61, tradução nossa).

Além da Coelhinha, Preciado aponta para uma ressignificação da "garota da porta ao lado" ou "garota da vizinhança" (*girl next door*), pautando que haviam belas mulheres, possíveis "deusas sexuais", prontas para serem descobertas em seus trabalhos, na sua vizinhança, nos mais diversos espaços de sociabilidade. Hefner transformou sua secretária na "Garota do Mês" em 1955, trazendo um novo conceito de mulher, tirando-a do privado e a trazendo para a vida pública. Essa nova mulher cria também um novo conceito: *playmate*, nas quais suas imagens eram trabalhadas de forma semelhante as das *pin ups*, mas em cores, muitas vezes vibrantes, com as mulheres nem sempre nuas, mas sempre em poses sensuais, com roupas provocantes, partes do corpo à mostra, dando uma ideia de dimensão quase "surreal" para as imagens, mas trazendo uma "garota da porta ao lado" como a estrela. As *playmates* são diferentes das Coelhinhias, elas são escolhidas para participar da

4 A revista a qual Hefner se refere foi uma das revistas voltadas para o público feminino mais importantes da época, com assuntos variados como crochê, limpeza da casa, louças, culinária e moda.

revista e fazer ensaios sensuais, consideradas como modelos, tentam, a partir da participação na revista, lançar uma carreira em diferentes ramos midiáticos.

Na década de 50, conhecida como os Anos Dourados, quando a playboy foi lançada, os Estados Unidos passavam por um período de mudanças intensas, a Guerra Fria atingia seu ápice com a assinatura do Pacto de Varsóvia e o golpe revolucionário de Fidel Castro em Cuba. Estados Unidos serviam como padrão de vida capitalista para o resto dos países e o *american way of life* era vendido para o mundo todo mostrando a oposição entre países capitalistas e países socialistas.

Uma mudança importante no modo de viver e de se relacionar aconteceu também com a popularização massiva da televisão em cores e com isso também a popularização das propagandas, das vendas de produtos que conversavam com o modo de vida dos telespectadores. O jornal *The New York Times*, publicou, no começo da década, uma reportagem falando o quanto a televisão estava mudando a forma que as pessoas se conectavam e se relacionavam, não só entre elas, mas com o lazer, a política, a cultura e tudo mais.

As relações entre homens e mulheres estavam muito ligadas ao casamento, com as donas de casa perfeitas, cozinhando em suas cozinhas perfeitas com seus filhos perfeitos, enquanto os maridos saiam de casa para seus empregos e voltavam para um lar acolhedor e bem arrumado. A mensagem para as mulheres e seus desejos era reiterada, elas deviam ser donas de casa e mães. O pós-guerra trouxe um retrocesso sensível para as mulheres que haviam ocupado postos de trabalho enquanto os homens lutavam na guerra. Quando a guerra acabou, o Estado e a sociedade diziam voltem para suas casas, para suas famílias que este é o seu lugar.

Como aponta Adelman:

As mulheres, nas décadas de 1940 e 1950, eram verdadeiras “outsiders” das instituições acadêmicas e literárias. Talvez nada mostre isto tão claramente quanto a história da escritora e poeta Sylvia Plath, cuja vida ilustra a trágica luta de uma mulher brilhante que - apenas uma década antes do começo de uma revolução na relação entre as mulheres e a produção cultural nas “democracias ocidentais” - ainda não conseguia seu devido reconhecimento. (ADELMAN, 2011, s. p.).

Hefner se dizia defensor da liberdade sexual e apoiava a inclusão de negros na sociedade norte americana, contudo, não foi compreendido por todos dessa forma. Alguns diziam que era imoral, outros diziam que era uma liberdade sexual fajuta, que

servia só aos homens e não as mulheres, enquanto algumas coelhinhas e *playmates* falavam que encontraram a liberdade depois de trabalhar para *Playboy*.

Dentro de todo esse contexto, *Playboy* foi um marco pornográfico, a qual Preciado dedicou todo um livro para compreender sua influência dentro de um cenário macro. Para o objetivo deste artigo apontamos apenas os principais momentos da revista e de seu criador Hefner como parte central para compreendermos os contextos em que os debates entre pornografia e feminismo se desenvolveram, além de compreendermos um cenário econômico e social classificado por Preciado como farmacopornográfico.

Playboy mantém a excitação-controle-frustração de forma muito nítida em sua revista, pois as mulheres nuas nem sempre mostram todo o corpo e controlam a excitação do leitor com a mensagem: você não pode passar daqui. Um marco na sociedade farmacopornográfica de Beatriz Preciado, uma mudança nos parâmetros da sexualidade e um escândalo para a época, na qual um dos ápices da sexualidade eram Elvis Presley e Marilyn Monroe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se levarmos em conta o que aponta Beatriz Preciado, a sociedade farmacopornográfica vai muito além de um mercado, já se aliou a contemporaneidade como modo de vida e de escolhas, muito mais do que uma venda de produtos, ela é criadora de subjetividades e identidades. A sociedade farmacopornográfica impulsiona um mercado que, embora dito decadente, tem uma movimentação constante de sites, filmes e novidades, sejam elas feministas, alternativas ou mainstream. Refletir sobre as performances e expressões de gênero são também formas de buscar saídas para problemas como esse que são aparentemente intransponíveis.

Dessa forma, aponto a urgência de se pesquisar mais temas relacionados a este mercado tão rentável e polêmico, ignorar os feitos da pornografia não é uma forma nem de combatê-la, nem de incentivá-la. Ao tentarmos ignorar a existência de um fenômeno social enquanto possível objeto de estudos, ligado diretamente a diversas outras problemáticas, como sexualidade, gênero, violência, trabalho, mercado, identidades, representações, entre muitos outros, não estamos deixando de

incentivar uma temática polêmica, mas estamos, na verdade, deixando de conhecer os potenciais de compreensão dentro da lógica existente no fato.

A pornografia é, dessa forma, uma linguagem que fala sobre sexo a partir de imagens, ou seja, uma proposta sem limitações, pois a técnica para se construir um filme, por exemplo, é possível de ser feita em qualquer formato, seja com milhões de dólares e tecnologia 3D ou com uma câmera de celular, totalmente amador, fora do circuito das grandes produtoras. A indústria proporciona uma imensa variedade de formatos e de possibilidades de acesso. Então, todos os tipos de pornografia são possíveis e podem ser encontradas em qualquer lugar do mundo virtual e a sexualidade se mostra dinâmica e diversa no mundo real.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. C. **O Olhar Pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado das Letras. 1996.

ADELMAN, M. et all. Mulheres, Homens Olhares e Cenas. Editora Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2011

AVN Awards. Disponível em: <<http://avnawards.avn.com/>>. Acesso em 10 mai 2013.

COLLETTA, D. D. Ameaçada, indústria pornô apostava em novas tecnologias para sair do buraco. In: **Galileu**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT124005-17933,00.html>>. Acesso em: 08 out. 2013.

EBERT, R. Interview with 'Deep Throat' director Gerard Damiano. (1974). In: **RogerEbert.com**. Disponível em:

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência, 2001.

GREGORI, M. F. Relações de violência e erotismo. In: **Cadernos Pagu**, n. 20, 2003, p. 87-120.

LEITE JR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais**: a pornografia "bizarra" como entretenimento. São Paulo: Ed. Annablume, 2006.

PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Editora Espasa Calpe, 2008.

_____. **Pornotopía**: arquitectura y sexualidad en "Playboy" durante la Guerra fría. Editorial Anagrama: Barcelona. 2010.

RIBEIRO P., C. **Tchau Tchau Velho Porozão?**: a pornografia feminista de Erika Lust como narrativa reflexiva da sexualidade. Curitiba. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. 2014.

SILVA, P. H. "Garganta Profunda", o pornô que virou cult completa 40 anos (2012). In: **Hoje em dia**. Disponível em: <<http://www.hojeemdias.com.br/pop-hd/2.678/garganta-profunda-o-porno-que-virou-cult-completa-40-anos-1.16158>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

STEINEM, G. A Verdadeira Linda Lovelace. In: **Memórias de transgressão:** momentos da história da mulher no século XX. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997.